



Oficinas e Seminário de Articulação: experiências do corpo em campo na cidade

Fabiana Dultra Britto*

Francisco de Assis da Costa**

Thais de Bhanthumchinda Portela***

* licenciada em Dança, professora PPG Dança UFBA e coordenadora do Laboratório Coadaptativo Labzat

** arquiteto e urbanista, coordenador PPG Arquitetura e Urbanismo UFBA e do Grupo de Pesquisa Atlas Histórico de Cidades Brasileiras

*** arquiteta e urbanista, professora PPG Arquitetura e Urbanismo UFBA e vice-coordenadora do Laboratório Urbano

Como parte das atividades previstas no projeto de pesquisa PRONEM do Laboratório Urbano, os Trabalhos de Campo cumprem a função de um campo de provas: uma instância da pesquisa em que testamos, avaliamos e problematizamos metodologias de apreensão da cidade, sejam elas consolidadas ou ainda não experimentadas.

Ao decidir realizar esta atividade no âmbito do Corpopcidade 3, pensávamos em ampliar o escopo das nossas referências, abrindo inscrições para outros grupos de pesquisa e coletivos de artistas dedicados ao confronto com o espaço público apresentarem propostas de modos de apreensão da cidade que pudessem ser experimentadas por participantes interessados, sob o formato de oficinas, com duração de 2 dias.

Além das 7 oficinas propostas por integrantes dos grupos de pesquisa, parceiros no projeto PRONEM, outras 11 propostas foram selecionadas por uma comissão formada pelos docentes: Fabiana Britto, Francisco Costa e Thais Portela, tomando por critério a adequação das propostas aos propósitos da pesquisa e às condições logísticas disponibilizadas pelo Corpopcidade 3.

Destas 18, apenas 2 foram canceladas: uma, proposta pela pesquisadora Alessia de Biase do Laboratoire Architecture Antropologie (LAA), de Paris, que não pôde viajar por problemas de saúde na família; e outra, pelo coletivo Construções Compartilhadas, de Salvador, que considerou

insuficiente a quantidade de participantes inscritos e não participou do Encontro.

A constatação de recorrências procedimentais, verificadas nas oficinas, não significou uma surpresa para a coordenação responsável pela seleção das propostas que fizeram parte do *Corporcidade 3*. Neste sentido, é preciso reconhecer o significado que tem os procedimentos de idealização, preparação e organização como partes inseparáveis daquilo que consideramos o objeto mesmo das ações exploratórias, investigativas, experimentais e discursivas do Evento propriamente dito, ou seja, aquele que acontece no intervalo de tempo convocado para a realização de oficinas e seminários propriamente ditos.

Esta visão se aplica igualmente ao contexto mais amplo e inseparável, no qual se assentam as propostas das oficinas e que reúnem atividades regulares ou não de laboratórios, atividades performáticas integradas ou não a vida acadêmica e que ocorrem com anterioridade ao evento. Sendo assim, olhar as Oficinas do *Corporcidade 3* significa olhar também este contexto, mas principalmente sua estrutura propositiva, seja conceitual ou dita de organização, como uma ação criadora e definidora daquilo que mais tarde veremos se estabelecer como evento propriamente dito.

A coordenação de Oficinas e Seminário de Articulação, já estabelecida dentro desta lógica, desenhou e configurou, portanto, uma expectativa ou um projeto através da seleção das propostas de ação, e convocou discursos, através das mesas do seminário de articulação, que pudessem estreitar a distância entre práticas e pensamentos. Ou seja, o evento se apresenta como um corpo.

A seleção teve, assim, um caráter criativo, definidor e até destruidor, com as vantagens e desvantagens que isso supõe, mas principalmente pela necessidade de estabelecer referências e pontos

de partidas a partir do conjunto de propostas das oficinas. Neste contexto, os trabalhos que se apresentaram à seleção evidenciaram uma clara tipificação de propostas em formatos que sugeriram manifestações metodológicas claramente distintas, ao ponto de serem representáveis iconicamente por três tipos de imagens: um retângulo regular dividido em três partes iguais, uma Fita de Moebius e uma estrela.



Os ícones

Relacionadas ao retângulo, estavam aquelas proposições claramente ortodoxas em seus planteamentos metodológicos, vinculadas a uma organização estratégica de ações formada por um conjunto de etapas, ordenadamente dispostas e destinadas a alcançar determinado fim. Nesse caso, a experimentação em espaço público da oficina se apresenta como resultado de uma formulação prévia e teórica, cujos resultados possibilitariam uma terceira e última fase de análises e conclusões. O investigador se constitui assim como um indivíduo que aponta para o objeto numa condição de formulador de certas hipóteses, de observador relativamente cômodo, distanciado e, finalmente, como proprietário de um discurso que se caracteriza pelo esforço de intelectualização dos sentidos da ação. Tudo apoiado firmemente numa concepção positivista de que o correto funcionamento das etapas processuais é uma espécie de garantia funcional da experiência.

Diante desta lógica funcional que pretende tornar, a partir de um conjunto de etapas, a

experiência sensível em conhecimento intelectual, aquelas propostas associadas à Fita de Moebius se apresentam como uma alternativa ricamente instigante, mas também, metodologicamente consistentes. Diferenciando-se de uma prática estruturada por etapas, eliminam a priori as condicionantes estabelecidas pelos papéis, previamente determinados, e estabelece uma lógica onde não é possível diferenciar onde começa, como se posiciona e onde acaba o papel do investigador e nem mesmo é possível, claramente, posicioná-lo diferentemente daquilo que poderia ser o indivíduo mesmo do objeto da ação. Enquanto formulador, observador e narrador, se mescla de forma irreconhecível com o conjunto de indivíduos e circunstâncias, permitindo que o contexto mesmo onde se realiza a experiência defina caminhos e etapas, somente reconhecíveis após a ação experimental. Como numa Fita de Moebius, a condição de estimulador da experiência não se separa daquela de ser parte da experiência. A todo o momento, e em todas as circunstâncias o investigador está presente como investigador mas também como investigado; o objeto da ação não está lá, em algum lugar, mas é constituído pela ação proposta.

A imagem da estrela remete àquele grupo de proposições que se caracterizaram por incluir ações performáticas isoladas como indutores de situações de estranhamento e revelação. São ações articuladas por indivíduos ou grupos que se colocam como dispositivos provocadores e transformadores, como forma de estabelecer condições de desestabilização nos meios em que se incorporam. Sugerem um interesse maior pelo próprio desempenho e pelas reações que este provoca no contexto da experiência. Acena ao mundo como quem quer estabelecer contato, ajuda a conhecer-se e a transformar; abre perspectivas ricas e inusitadas próprias dos valores que a arte nos permite. Mas certas ações correm o perigo de levarem um tom de postura

arrogante ou subordinada a valores eminentemente estéticos, alinhando-se de forma quase isolada aos valores poéticos e plásticos, sem que estes sejam instrumentos para novas aproximações exploratórias no campo disciplinar da Arquitetura e do Urbanismo.

Afinal, com o que nos debatemos? O Laboratório Urbano é um grupo de pesquisa que investiga e propõe diferentes experiências metodológicas e propositivas para/na cidade contemporânea, articulando três linhas de pesquisa: uma sobre historiografia e pensamento urbanístico, outra de apreensão crítica da cidade contemporânea e uma terceira sobre estética, corpo e cidade. Essa separação é formal porque no campo de investigações dos membros participantes deste laboratório essas fronteiras praticamente não existem. Dialogar com o urbano, com o conhecimento do urbano é, para nós, conectar teoria, prática e proposição; é fazer do urbanismo um campo ampliado entre muitas outras áreas de conhecimento como arte, filosofia, antropologia, vida cotidiana etc. Nosso trabalho é, portanto, marcado pela busca em romper fronteiras disciplinares e, conseqüentemente, metodológicas já estabelecidas como os diagnósticos, por exemplo. O Corpocidade 3 nos permitiu encontrar e debater com outros grupos que buscam [re]construir/ destruir essas fronteiras – de uma forma ou de outra. A todos, fica aqui o nosso agradecimento.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Thais de Bhanthumchinda Portela

Em cada evento acadêmico, seja em que área for, desafios são lançados para seus participantes. O Corpocidade, enquanto tal, faz o mesmo. Entretanto, desde o primeiro encontro os protocolos usuais dos eventos da academia – apresentar ou ouvir um trabalho e depois realizar um pequeno debate – foram quebrados pela constante

preocupação com os processos colaborativos na produção do conhecimento e pela vontade de interagir com a cidade, rompendo a fronteira, física e imaginada, entre academia e vida urbana.

No Corpocidade 1, paralela a apresentação dos trabalhos nas sessões temáticas que tratavam das cidades imateriais[1], da cidade enquanto campo ampliado da arte[2], das corpografias urbanas[3] e dos modos de subjetivação na cidade[4], tivemos as provocações das ações artísticas que confrontavam a estetização acrítica e segregadora produzida pelos processos de espetacularização urbana. Os participantes do evento “perderam-se” pela cidade do Salvador ao seguir essas ações e pudemos refletir sobre o papel da arte contemporânea na constituição da esfera pública compartilhada entre acadêmicos, artistas e praticantes de cada um dos espaços intervencionados.

No Corpocidade 2 esses mesmos processos espetacularizados foram questionados pelo debate sobre o conflito e dissenso no espaço público. E dali saía uma hipótese: a experiência corporal da cidade pode ser um desvio, micro, dessa produção espetacularizada das cidades e uma possibilidade de participação ativa dos sujeitos já que o corpo, necessariamente, implica e é implicado pelo lugar em que está. Para testar essa hipótese em um trabalho colaborativo foram realizados encontros na Maré, no Rio de Janeiro e em Alagados em Salvador, entre os grupos de trabalho de pesquisadores parceiros e de participantes previamente inscritos e cada qual testou, a sua maneira, as articulações possíveis entre arcabouços teóricos e prática de pesquisa tensionando as ideias da participação cidadã, do corpo e da cidade.

Neste Corpocidade 3, a promoção de trabalhos colaborativos continuou sendo o modo de organização do encontro. Chamamos de volta

nossos grupos de pesquisa parceiros, mas queríamos conhecer outros tantos que estão a volta com pesquisas que buscam apreender as cidades e sua[s] cultura[s] através de experiências que não negam o corpo como modo fundamental de apreensão dos espaços e dos territórios urbanos. E mais, queríamos que esses grupos se conhecessem, por isso, o encontro foi dividido entre as oficinas e o seminário de articulação. Nas oficinas os pesquisadores estariam experienciando com os participantes inscritos, seus modos [métodos?] de apreensão da cidade. No seminário de articulação esses grupos teriam um grande encontro, cada qual contando sua experiência de praticar seus modos [de novo, seriam esses métodos ou não?] de apreensão pela cidade do Salvador.

O exercício de reflexão crítica realizado pelo trabalho colaborativo de cada grupo, neste encontro, chegou a ser emocionante. Como a anfitriã que não aproveita da festa que está oferecendo, não conseguiu participar das Oficinas, mas momentaneamente penetrei em várias e fui fazendo uma colagem de impressões sobre cada grupo e seu modo de apreensão: um era muito sério e cheio de conceitos, outro tinha um modo brincante de apreender a cidade, outro propunha um modo desafiador ao manter seus corpos nos espaços “perigosos”, outro grupo buscava apreender o tempo lento e boêmio [confesso que essa era o que eu mais queria seguir] da vida urbana, outros tantos muito performáticos. Todos, cada qual ao seu modo provocaram essa cidade do Salvador, que como tantas outras, está cada vez mais espetacularizada e destituída de vida urbana em seus espaços públicos.

E, no Seminário de Articulação, em um exercício de síntese e de produção de narrativas urbanas – desculpem, mas de novo a mesma palavra me vem, emocionante – pudemos conhecer os

percursos realizados pelos grupos por essa cidade. E enxerguei ali as afinidades e os estranhamentos entre os modos [que afinal, não são apenas métodos] de apreensão e entre os grupos, descobri possibilidades novas para minha própria reflexão sobre a vida urbana e encaminhei algumas questões que até hoje estão reverberando nesta minha subjetividade corporificada na Bahia.

Uma entre tantas reflexões: um dos grupos propôs experimentar a cidade, mais do que apreendê-la, mas na hora de narrar esta experiência, que os participantes descreveram como riquíssima, não compareceu ao Seminário de Articulação. Narrar a experiência é impossível? A vivência é tão maior que não pode ser compartilhada? Ou apenas compartilhar a experiência é um exercício de menor valor, ou mesmo inválido?

Mas outros grupos vieram, um trouxe a cidade em um monólogo à três, falas simultâneas que expressavam o tempo cotidiano das ruas; outro trouxe uma proposição: a construção do tempo lento nas cidades e sua narrativa da experiência, no Seminário de Articulação tornou a nós, participantes do Seminário, cúmplices dessa lentidão; outro trouxe um debate sobre o que viveu pelas ruas levantando a questão da opressão; um outro nos fez sentir o intragável... e, mesmo com tão pouco tempo, pude encontrar as cidades que moram dentro da cidade, apontando que compartilhar o vivido também é praticar a cidade.

Fabiana Dultra Britto

As diferentes sistemáticas de preparação e execução descritas nas propostas de cada oficina nos permitiram identificar correspondentes enfoques de abordagem sobre a cidade que, por sua vez, evidenciavam diferentes preocupações acerca dos problemas e questões éticas, políticas,

epistemológicas e técnicas implicadas na experiência de espaço público que o Corpocidade buscava tematizar. Desde a escolha dos locais para realização das oficinas, até o foco de ação privilegiado (o processo da experiência ou seu produto resultante), passando pelo estatuto conferido aos equipamentos, pelas posturas adotadas como conduta de convívio coletivo e pelo modo de engajamento dos participantes inscritos, todos os aspectos envolvidos nesta atividade indicaram pontos cruciais para a reflexão crítica sobre os modos de apreender a cidade, praticados por artistas, pesquisadores e habitantes.

Para colocar esses pontos em discussão, o Corpocidade articulou às oficinas, como um desdobramento delas, uma outra atividade de pesquisa PRONEM: o Seminário de Articulação, em que os proponentes e participantes das oficinas apresentaram a síntese das experiências realizadas nos dois dias anteriores, para serem debatidas com os integrantes dos demais grupos de trabalho.

Concentradas em um único dia, as apresentações careceriam de mais tempo para serem discutidas de modo mais condizente com a intensidade das experiências vividas e mais correspondente às expectativas de participação debatida dos participantes presentes. Apesar disso, as apresentações conseguiram explicitar (às vezes mais nos comportamentos do que nos discursos) dificuldades e problemas na articulação entre a experiência vivida e as formas de compartilhamento delas, trazendo à tona, a já clássica – embora ainda mal resolvida – separação entre as práticas teórica e empírica, juntamente com todo o seu corolário de subtemas ainda recorrentes: a noção de sujeito, a noção de autonomia e de independência, a noção de hierarquia (seja ela de situação, de função, de poder

ou outra), a noção de experiência e de participação, a noção de público e de coletivo, entre outras...

Também se explicitaram nestas apresentações as discrepâncias de função e valor atribuídos à arte, especialmente performance e dança, nos processos de apreensão da cidade propostos pelas oficinas. Muitas vezes privilegiada em detrimento do processo de convívio de que resultou, as ações performativas mostraram dificuldade de deslocar o foco de si para o outro, deixando prevalecer interesses individuais de autoexpressão independente de interesses coletivos de partilha das experiências – o que levantou importante questionamento acerca dos limites éticos da intervenção artística que se faz como imposição de um querer que reduz a participação do outro a espectador (indignado ou aliado), sem espaço pra negociação nem qualquer tipo de interação coletiva – como era o Seminário e como é a própria cidade.

Mas, talvez, a explicitação mais difícil de aceitar entre nós, preocupados que somos com a consolidação de hegemonias, está relacionada com as recorrências procedimentais constatadas entre as oficinas que, em sua maioria, partiam de caminhadas para depois compor cartografias e, então, registrá-las ou performá-las, repetindo certa prática já quase tornada modelo – o que nos aponta uma importante pista sobre os processos de subjetivação a que todos estamos submetidos neste ambiente que compartilhamos mesmo sem coabitá-lo: baseiam-se no mesmo princípio de todos os sistemas vivos – a tendência à inércia e estabilidade de padrões. Temos muito que fazer para sairmos das nossas zonas de conforto...

Francisco de Assis da Costa

A aglomeração de propostas de oficinas nas áreas centrais tradicionais de Salvador seguramente será motivo de reflexão nas próximas edições do Corpocidade, independentemente das cidades em

que venham a acontecer. O motivo desta atração merece um estudo cuidadoso, mas podemos arriscar algumas reflexões sobre isso. A primeira é a de que a cidade, ela mesma, enquanto resultado das ações de quem nela vive ou de quem dela vive, sabe mais sobre ela mesma do que supomos, enquanto investigadores de cidades. Ou seja, sabe mais sobre o que queremos do que imaginamos que sabem o que queremos. Digo isto pensando numa das oficinas, classificada com a imagem daquele retângulo regular dividido em três partes iguais, em que tive a oportunidade de participar durante o evento.

Organizada segundo a lógica processual das etapas a serem vencidas para a obtenção do resultado final, a oficina se instalava em áreas do centro tradicional de Salvador registrando com câmeras de vídeo aquilo que ocorria dentro de uma angulação que definia estrategicamente um polígono de ação e observação. Respeitando os limites deste polígono, o grupo foi convocado a proceder com aquilo que se havia disposto, para aquela etapa, como ação protocolar da oficina e que poderíamos sintetizar como: estar no polígono-cidade, viver o polígono-cidade e fazer o polígono-cidade. Ou seja, estamos diante de uma daquelas propostas de oficinas onde os procedimentos metodológicos estão constituídos enquanto roteiros rigidamente definidos e não enquanto plataformas abertas e a partir das quais se estimulam contaminações.

O resultado desta visão compartimentada, a meu ver, é aquela de negação de uma lógica que é, paradoxalmente, aquela que pretende conhecer melhor. Neste sentido, o aceno que de forma aparentemente espontâneo recebíamos da cidade que ficou fora do polígono não poderia ser simplesmente negado por estar fora da cidade-polígono. Ao contrário, distanciadas do ambiente sedutor das áreas centrais, algumas oficinas caracterizadas pela Fita de Moebius colocavam em evidência o valor desta contaminação positiva.

Imerso nesta experiência, era praticamente impossível identificar etapas processuais, início ou fim e diferenciar investigadores de investigados. A riqueza destas experiências tem um caráter de inspiração ressonante e se propaga, naturalmente, em harmonia com o espírito do Corporidade.

Estas claras diferenças, evidenciadas na seleção das oficinas e nas experiências de campo, aparecem, por fim, confirmadas nas narrativas presentes, no Seminário de Articulação. Os retângulos, as Fitas de Moebius e as estrelas se apresentaram como tais. Os primeiros explicando suas etapas processuais, os segundos fortalecidos pela ressonância do trabalho compartilhado e os terceiros absorvidos no esforço de constituição de novos eventos onde o auditório, ou Seminário de Articulação, passava a constituir uma nova oportunidade de ação performática. Finalmente, em alguns poucos casos, foi notável o distanciamento, quase completo, do compromisso de compartilhamento da experiência da respectiva oficina, transformando o auditório em audiência oportuna para discursos de interesses distanciados daqueles do evento.

Visto em seu conjunto, é inegável que estas particulares maneiras de ver e experimentar a cidade, estejamos ou não de acordo com elas, constituem o valor maior que nos proporciona Corporidade. Por isso creio que Corporidade se consolida como um espaço necessário e imprescindível para vermos e pensarmos a cidade a partir de uma concepção ampla e complexa dos procedimentos metodológicos que se apresentam e que esta riqueza não está no brilhantismo que possam ter, individualmente, as propostas e sim porque o evento se constitui enquanto corpo. 